

FACEBOOK® E ROLEZINHOS: ALTERIDADE E VISIBILIDADE¹

Alex GALENO²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

Resumo

Abordaremos a relação entre sujeito (Rolezinhos)s, suportes mediáticos e espacialidades. Tentaremos demonstrar que conectividade, facialidade e espacialidade deverão ser compreendidas como categorias ontológicas e epistemológicas do fenômeno comunicacional. É possível pensar, na atualidade, a comunicação sem a conexão entre o sujeito e os suportes mediáticos? Que (in)visibilidades ou (des)facialidades se produzem nesta relação? Sendo assim, a pergunta filosófica que devemos fazer não deve ser, apenas, sobre O que somos, mas Onde estamos e Como somos ao interagir com dispositivos técnicos.

Palavras-chave: alteridade; rolezinho; visibilidade; Facebook; cidade.

I. Altericídeos

Tem sido comum pensar a ideia de alteridade como aquilo que separa o Eu do Outro ou como aqueles que se reconhecem na separação. Tal assertiva é herdeira do conhecimento ocidental fundado na ideia de que a separabilidade constitui o princípio de compreensão de elementos do real. Os fenômenos ao serem analisados nessa lógica precisam ser decompostos. Noutros termos, analisar significa recortar ou fragmentar.

Desnecessário afirmar que, desde Platão e Aristóteles, o exercício da razão e ou tudo aquilo que se denomina de racionalidade ocidental assenta-se sobre tal modelo. Um real que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e culturas urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências Sociais. Professor do Departamento de Ciências Sociais e das Pós-graduações em Ciências Sociais e Estudos da Mídia, UFRN, email: alexgaleno@terra.com.br

institui entidades portadoras de essências fechadas em si mesmas. “Desta forma, a separação constitui a modalidade operatória fundamental da cultura ocidental: conhecer passa a ser separar os elementos.” (QUESSADA, 2013, p.10)

Tais elementos passam a ser percebidos como portadores de dualidades: essência e aparência, o dentro e o fora, a parte e o todo, o homem e os objetos ou, ainda, a natureza e a cultura. Somos concebidos, portanto, como filhos da dialética negativa advinda dessas dualidades.

Noutra direção, Dominique Quessada observa que é necessário ultrapassarmos as dualidades a partir da assunção de um pensamento pós-dialético. E para que isso ocorra, devemos nos exercitar como altericidas, o que significa pensar e existir sem o outro. O autor relembra que não se trata de abolir o diferente ou o estranho, mas assumir o outro e o mundo das coisas como inseparáveis. Ora, se concebemos desta maneira, o outro deixa de existir como fora e passa a atuar como um próximo e em atividade de complementaridade.

Quessada sublinha que o altericídeo generalizado, que participamos e/ou assistimos, queiramos ou não, liga-se a “um sistema de discurso mundializado ou a um império de discurso: o da comunicação”. (QUESSADA, 2013, p.10)

A integração biopolítica sobre a qual repousa a eficácia desse império- sem Outro, já que fundado sobre a consumação de si- indistingue essencialmente a política, o econômico, o social e o cultural. Ela faz do Outro uma função tocada pela obsolescência ontológica, na qual a economia espera tornar-se a própria ontologia. Desta maneira, o Ser pode se expressar sem ter de recorrer ao Outro. (QUESSADA, 2007, p.55)

Trata-se, portanto, de uma crise sem precedentes do paradigma da separabilidade. Achamos que a Internet radicaliza tal crise, na medida em que inaugura sociabilidades não mais baseadas em princípios identitários molares tradicionais (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Agora nos juntamos pela conexão e interação de fluxos, geradoras de comunidades diversas. Tais comunidades, embora diversas, apresentam modulações contraditórias. Ao mesmo tempo em que parecem ser criadas para não fixarem pertencimentos, elas também se fecham em si mesma. O Facebook é um exemplo de tais modulações, pois posso criar e

ou pertencer a várias: desde uma lista de amigos, uma Rede de apoiadores para uma campanha eleitoral, uma lista de pais de alunos ou de familiares, etc.

Se concordarmos com Michel Serres (2013), vivemos época de polegarzinhas. Époça de cabeças fora do pescoço e postas às mãos dos cibersujeitos contemporâneos. Como Ulisses cibernéticos navegamos mares com máquinas e existências liquefeitas. Falamos e amamos avatares como duplos de experiências. Cutucamos perfis de amigos, curtimos fotos, postagens e formamos associações como esferas (SLOTERDIJK, 2003) diádicas, isto é, pares de indivíduos conectados e, ao mesmo tempo, singularizados em seus ambientes virtuais.

Somos fusões de corpos com máquinas inteligentes, pois falamos e amamos as Samanthas (ELA) e conversamos com as Siris³ (Apple®) e as recomendamos como legítimas outras de afetos. Fazemos sexo, consultamos o tempo e as horas e, também, nos encantamos pelas vozes e humanidade dos sistemas. Impossível ficarmos sozinhos! Temos o mundo na ponta dos dedos e pela simulação dos sentidos, destacadamente pela visão e pela audição. Muitas vezes o que vemos são fantasias de rostos, configurando rostidades (DELEUZE; GUATTARI, 1996) vazias, tais como a produção de *selfies* que presenciamos na atualidade. Os próprios dispositivos técnicos são programáveis para nossos rostos.

II. Adiaforizações

A perda do olhar em perspectiva pode nos conduzir a uma perda da proximidade e da responsabilidade moral com o outro. Isso denomino de adiaforização.

Aquelas ações isentas de avaliação ética, portanto, sem responsabilizações *a priori* sobre o espaço do outro. Ou como define Bauman (2014), aquelas ações que são divorciadas de quaisquer considerações de caráter moral. A adiaforização, portanto, torna a vida insignificante.

³ Samantha, protagonista do filme Ela (*Her*, em inglês), lançado nos Estados Unidos em 2013, assim como Siri (propriedade da Apple®), é um aplicativo no estilo assistente pessoal, que interage com o usuário por meio de sua voz.

Como ilustração, gostaria de citar alguns exemplos:

1. O uso de drones nas guerras ou para entrega de produtos: Amazon® já faz uso também disso em cerimônias de casamentos e de aniversários, etc.
2. Vigilância por Banco de dados do corpo (biométricos, DNA, etc), do comportamento de consumo a partir do registro dos *cookies*, comportamento social e político (fronteiras e aeroportos). Sujeito como banco de dados- mercado digital. O indivíduo só tem valor moral no mercado digital, quando consome e quando revela seus dados. Do contrário, estarão fadados a seres *Goriot* ou *Chabert*.⁴ Insignificantes!

III- Indoor Faces – Facebook®

Outra consequência dessa mudança paradigmática relaciona-se com questões do espaço. Na cibervida, os espaços tradicionais dos átomos já não têm mais lugar. Neste mundo de espumas (SLOTERDIJK, 2006) ou líquido (BAUMAN, 2001), nos parece que a questão ontológica fundamental já não é se perguntar quem somos, mas onde estamos.

Basta observarmos o comportamento de usuários com seus *Smartphones* absortos em seus minimundos informacionais! Achamos que tal comportamento limita um olhar em perspectiva, além disso, há uma perda das lateralidades.

Desta forma, o Outro que me interessa tem que caber na palma da minha mão. Tais questões da espacialidade não dizem respeito somente aos geógrafos e cartógrafos, mas aos fenomenólogos ou filósofos do espaço.

Na era pós-media-livro, outra Comédia se inaugura. Trata-se de um tipo de comunicação feita a partir das conexões entre pessoas e novos dispositivos. Somos da opinião de que a nova Comédia se faz a partir da ideia de conexão, que é imprescindível para se comunicar de maneira interativa. Relembramos que a palavra conexão advém do latim *connectare* (atar junto ou atar um ao outro). A junção do prefixo COM (junto) mais

⁴ Referimos-nos aos personagens dos romances *O Pai Goriot* e *O Coronel Chabert* de *A Comédia Humana* de Honoré de Balzac.

NECTERE resulta em ligar e atar e da raiz deste surgiu NEXO. Assim, conectar é comunicar (*comunicare* – estar em comunhão).

Essa nova comédia feita pela conexão de novos suportes e canais mediáticos redimensionam o lugar da escrita e o do sujeito. Basta que citemos a proliferação de *blogs* e *posts* nas *timelines* do Facebook e Twitter. Em uma simples mensagem de Twitter®, podemos nos linkar a imagens, sons e a outras mensagens escritas. Pelo fluxo contínuo e pela lógica interativa, presenciamos a supremacia de um único sujeito que enuncia, mas desta vez, ele vem acompanhado por uma multidão de outros sujeitos que são seus seguidores. Portanto, é impossível o exercício de uma alteridade na qual o outro seja desconectado. Isto é, esteja separado, isolado em sua ágora online. Mesmo que muitos se sintam no apogeu de sua condição de soberano narciso, é impossível não se atar ou não se ligar ao outro. Isso não significa que terão um compromisso, a priori, de estarem em comunhão de ideias e/ou de pertencimentos. Ao conectar, nos soldamos inexoravelmente ao mundo das coisas e dos homens. Nada somos sem elas e sem eles! Vinculamo-nos mesmo que, por vezes, a partir de uma condição de estranhos. Estranhos, mas não separados. Uma alteridade que expressa de maneira radical o atar entre eles. Uma espécie de alteridade radical na qual “O Eu é um Outro” (RIMBAUD, 1991, p. 34). Portanto, atado, ligado e conectado.

Se costumeiramente nos questionamos sobre o tempo, afirmamos que as questões epistemológicas mais pertinentes, na atualidade, dizem respeito à questão de uma filosofia do espaço e às novas formas de sociabilidades.

O que se evidencia são conexões estabelecidas por habitantes de um *miniworld*. Não seriam o Facebook® e, mais recentemente o Whatsapp®, espaços miniaturizados da existência? E os dispositivos portáteis não seriam suas arquiteturas móveis ou arquiteturas cibervitorianas?

O que nos faz lembrar Robert Musil (2006) quando explicita que o homem em seu espaço vive o paradoxo do confinamento e, ao mesmo tempo, da necessidade de conexão e visibilidade. Habita, simultaneamente, numa moradia de ‘paredes móveis’ e numa moradia de ‘confinamento clínico’, como nas arquiteturas referidas pelo personagem Ulrich.

Sloterdijk (2006) sugere que a radicalização de tal confinamento seria o apartamento. Uma espécie de célula arquitetônica que explicita a topologia egóica do individualismo moderno. Imunologia espacial que se intensifica na ciberconvivialidade do Facebook®, destacadamente. Um habitar *indoor* e, ao mesmo tempo, *outdoor*, já que parece impossível definir o limite espacial da moradia quando utilizamos essas plataformas de comunicação.

IV. Outdoor faces - Rolezinhos.⁵

Se é verdade que com o advento da comunicação virtual os rostos muitas vezes se tornam invisíveis ou se metamorfoseiam a cada dia pela obsessão da edição de perfis nas redes sociais da Internet, por outro lado, podemos vê-los em espaços físicos ou na cena pública. Deixam suas arquiteturas *indoor* para habitarem outras arquiteturas *outdoor*. Hoje assistimos ao espetáculo de atores que se unem *Facebook to Facebook* e, também, face-a-face e vão para as ruas.

Diria que são massas cênicas que encontram um novo modo de expressar suas resistências políticas partindo da conexão telemática. Bem distantes dos Luditas, que sabotavam o trabalho quebrando máquinas, durante a Revolução Industrial na Inglaterra, assistimos hoje aos revoltados do Rolezinho, que enfrentam os capitalistas, mas sem apresentar pautas de reivindicações. São movidos pela potência de um nada de vontade – não confundir com uma vontade de nada. Uma espécie de metafísica política que perturba a racionalidade do capital e os conservadores de esquerda e de direita, tributários da explicação lógica e racional.

Como classificá-los? Não são *Black Blocs* porque não portam máscaras e são mais diversos em vestimentas e comportamentos. E têm como local central de encontro e manifestação os *Shoppings Centers*, os Palácios de Cristal do consumo, ou ainda, templos contemporâneos e assépticos da euforia da compra e de visibilidade.

⁵ Movimento de jovens da periferia de SP, destacadamente, ocorrido em 2013. Convocados pela internet tinham como ponto de encontro principal os Shopping-Centers. O jornal *The New York Times* os definiu como *little scrolls*.

Os Rolezinhos são da geração Polegarzinha. Usam a internet e fazem de seus celulares próteses de sociabilidade e de formação de comunidades para lutarem pelo nada de vontade.

Como meninos e meninas de classe média, também fazem *Flash mobs* dentro dos templos de consumo, para logo se dispersarem.

Também diferem das típicas manifestações do MPL (Movimento do Passe Livre), pois parecem representantes da periferia econômica que ascenderam e que advogam um lugar ao sol no mundo do consumo. Querem ser vistos e reconhecidos.

Certamente, os governos de Lula e de Dilma são responsáveis, em parte, pelos Rolezinhos, pois são pobres que desejam ir às compras. E vão. Não necessariamente para comprar, mas para serem notados coletivamente. Uma espécie de matilha consumérica. São *homo consumericus* ou consumidores emocionais fiéis àquelas marcas portadoras de status (LIPOVETSKY, 2007). Se são consumidores, então por que assustam os capitalistas e as elites? Simples. Para as elites, os Rolezinhos podem dispor de recursos para consumirem roupas da Nike® ou smartphones da Apple®, ao mesmo tempo em que carregam com eles o estigma da pobreza. Não os aceitam como iguais. E assim, os tratam não como consumidores e cidadãos, mas como *homo sacer* (AGAMBEN, 2010) advindos da periferia urbana.

Sujeitos sem qualidades e, portanto, descartáveis socialmente. Um exemplo típico é o tratamento que dão ao ex-presidente Lula. Um retirante nordestino que organizou trabalhadores e os representou na presidência, mas, como aos Rolezinhos, as elites econômicas, políticas e culturais destilam ódio de classe contra ele.

Desejaria que as manifestações dos Rolezinhos se traduzissem em resistências concretas contra alguns monopólios capitalistas da comunicação: Tim®, Claro®, Oi®, Vivo®.⁶ Cito esses porque estão diretamente ligados ao mundo da telefonia e, portanto, aos seus objetos ou ferramentas de mobilização: celulares.

⁶ Empresas privadas de Telefonia que atuam no Brasil.

Para Alex Honneth (2009), quando não se observa ou quando não se garante o reconhecimento subjetivo e social de indivíduos e grupos, a sociedade irá se deparar com tensões sociais. As manifestações sociais ocorridas no Brasil em 2013 e que tiveram como eixo a mobilidade urbana, assim como as manifestações dos chamados *Rolezinhos* são partes ilustrativas dessa formulação.

A luta por reconhecimento, portanto, é uma arena de conflitos e tensões que podem resultar em novas configurações políticas e em novas formas de organização social. Noutros termos, pode resultar em mudanças significativas na sociedade. Evidentemente que dependerá da capacidade de mediação dos grupos envolvidos e, também, de um órgão mediador como o Estado para que tensões não redundem em violências. Por isso é que, numa democracia, os conflitos podem resultar em ganhos de reconhecimentos, sobretudo, para grupos sociais que reivindicam direitos legais e simbólicos de serem vistos. Retomando Sloterdijk:

na cidade e somente nela pode comprovar-se o que significa que uma figura aposte em não permanecer oculta e se coloque no centro do visível e do notório. Desde que há cidades, aparição significa: exposição, apresentação, revelação permanente. Como afirma Heidegger: a construção de cidades é um modo de desocultamento. (SLOTERDIJK, 2004, p. 236)

Concordamos com Olivier Mongin (2009, 2013), que as configurações espaciais, atualmente, nos desafiam a *três travessias* sobre as cidades.

A primeira travessia Mongin denomina: as cidades idealizadas. Aqui nos deparamos com a cidade pensada ou idealizada como aquela na qual nossos corpos e espíritos se inspiram. Como ideal-tipo aparentando inatingível ou utópico, mesmo assim, pode apresentar algo para se ver, agir e pensar.

A segunda travessia, as cidades em rede na era da globalização. O autor se refere, aqui, a uma inversão da noção de “rede de cidades” pensada, por exemplo, por Fernand Braudel para outra denominada de “rede das cidades”. A problemática da urbanização se deparando com os fenômenos das megacidades e dos mercados integrados e desterritorializados. Nesse aspecto, faz-se necessário observar que a cidade não poderá ressurgir de si mesma, pois ela

será um lugar conectado ou interligado com os acontecimentos e fluxos, com os quais essa se depara ou experiencia tensões. Assim, na segunda travessia, não nos parece possível mais o sonho da cidade idealizada, dados o excesso de racionalidade dos mercados e a lógica de urbanização acelerada e mediada pelas experiências cidadinas de uma *vita activa*.

E, por último, a terceira travessia que o autor denomina de a era das pós-cidades ou de as cidades dos fluxos, ou ainda, a era de um “urbano generalizado”. Aqui nos deparamos com um duplo fenômeno, diz Mongin. Por um lado, a experiência da 'prevalência dos fluxos' mais diversos: redes telemáticas, meios de transportes. A rede sobressaindo-se sobre a cidade e 'orquestrando a relação centro periferia', mas ainda percebendo-se como a continuidade dos territórios. Por outro lado, presenciamos os impactos das transformações dos espaços urbanos como lugares e territórios sob a “pressão externa dos fluxos”. Tal inversão, lembra o autor, que é herdeira da técnica ocidental e da vontade e desejo de controle sobre o urbano, tornou-se exacerbada na era atual da globalização. Isso demonstra, ainda, que, com o advento da globalização, o território e o lugar continuam e se ampliam. Na era da pós-cidade e do urbano generalizado, ao se privilegiar as redes e os fluxos, explicitam-se a distinção dos lugares e uma retomada dos territórios. Explicita-se, ainda, que a globalização ou a sociedade-mundo, como advoga Edgar Morin, não significou o fim dos territórios, mas, ao contrário, significou 'reconfigurações territoriais' nas quais os indivíduos vivenciarão o futuro das cidades globais, megacidades, metrópoles e megalópoles conjuntamente com o que denominamos de 'novas economias de escala'.

É importante afirmar que é na polifonia entre as *três travessias* que devemos situar os conflitos e tensões cidadinos. Será na dialogia de conflitos e de tensões que podem ser observados os interesses de grupos ou atores sociais diversos, pois, caso se concorde com as ideias de Mongin, serão vivenciadas no urbano atual não mais as tensões do paradigma clássico marxista da Luta de Classes, mas da Luta dos Lugares. Serão neles onde as desterritorializações, territorializações e reterritorializações da luta por reconhecimento se exercitarão.

Importa ressaltar que os lugares da luta por reconhecimento não se localizam apenas no terreno físico ou geográfico da cidade. Eles fazem parte dos regimes de visibilidades que se apresentam, muitas vezes, como arenas de visibilidade contemporâneas, sobretudo, a

partir dos *media*. Para Peter Sloterdijk, as lutas por reconhecimento da modernidade têm se deslocado do espaço citadino tradicional das ruas para os meios de comunicação de massas. Assim, para ele, as lutas culturais e políticas na atualidade são criadoras das chamadas massas dos media, isto é, aquelas voltadas para a TV. Acrescentaríamos, ainda, a Internet como media-arena ou espaço das lutas por reconhecimento na era das pós-cidades e suas infovias.

Os Rolezinhos são massas dos media ou massas cênicas que encontraram uma nova maneira de expressar suas resistências políticas a partir das redes sociais da Internet. Tal acontecimento explicita o paradoxo que mencionamos anteriormente. Isto é, a comunicação digital se faz numa hiperesfera sem rostos identitários, a priori, mas também pela emergência de novas faces que emergem na cena pública.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. O poder soberano e vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira Moral**. A perda da sensibilidade na Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. 3v.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONGIN, Olivier. **La Ville des flux**. L'envers et l'endroit de la mondialisation urbaine. Paris: Fayard, 2013.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

QUESSADA, Dominique. **L'inseperé**. Essai sur un monde sans autre. Paris: Presses Universitaires, 2013.

QUESSADA, Dominique. **Court traité d'altéricide**. Paris: Gallimard, 2007.



RIMBAUD, Arthur. **Correspondência de Rimbaud**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I**. Bolhas. Microsferologia. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II**. Globos. Macrosferologia. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III**. Espumas. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.